

O TERAPEUTA OCUPACIONAL COMO FACILITADOR DO PROCESSO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM¹

CACINELI DE OLIVEIRA²

REGINA C. T. CASTANHARO³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar através de revisão bibliográfica a importância da intervenção da Terapia Ocupacional no contexto escolar de crianças com distúrbios ou transtornos de aprendizagem. Mostrar como o terapeuta ocupacional pode intervir atuando como facilitador para que haja maior interação entre esse aluno, seus educadores e familiares realçando o bem-estar emocional da criança. Primeiramente são referenciados o contexto escolar e a criança com dificuldade de aprendizagem pautado nos recentes conceitos que o definem. A seguir é fundamentada a abordagem terapêutica ocupacional no contexto escolar norteada pelo conceito de papel ocupacional da criança em fase escolar e propondo a Medida de Performance Ocupacional Canadense como sustentação para a intervenção propriamente dita. Verifica-se a importância de educadores, pais/responsáveis e o aluno serem agentes desta proposta, estando comprometidos e responsabilizados para que esse processo educacional se desenvolva a contento.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; dificuldade de aprendizagem; contexto escolar.

THE OCCUPATIONAL THERAPIST FACILITY IN THE EDUCATIONAL PROCESS OF CHILDREN WITH LEARNINGS DISORDERS

ABSTRACT

The present article intends to introduce, through a bibliographic review, the importance of Occupational Therapy intervention in the school context of children

¹ Artigo recebido em 31 de julho de 2007. Aceito para publicação em 19 de dezembro de 2008.

² Acadêmica de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Paraná.

³ Terapeuta Ocupacional Docente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Paraná. E-mail: cacineli@yahoo.com.br

with Learning Disorder, showing how the therapist may intervene as a **facilitator** in order to provide a better interaction among students, their teachers and families, enhancing the child's emotional welfare. First and foremost, the school context and the child with learning disorder are referred considering present concept which defines them. Afterwards, the occupational therapy approach is founded in the school context and guided by the school age child occupational role concept, proposing the Canadian Occupational Performance Measure as the support for the intervention itself. It is found the importance of teachers, parents and students as agents of this proposal, both committed and responsible for a satisfactory educational process development.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, fruto de um trabalho de conclusão de curso, construído através de revisão bibliográfica seguindo as normas exigidas pela Universidade Federal do Paraná, tem por objetivo mostrar a importância da intervenção da Terapia Ocupacional no contexto escolar de crianças com distúrbios ou transtornos de aprendizagem, apresentando a atuação do terapeuta ocupacional como facilitador para que haja maior interação entre esse aluno, seus educadores e familiares realçando o bem-estar emocional da criança, que muitas vezes é motivo de exclusão nesse contexto.

Além disso, são apresentados subsídios para a prática, favorecendo que educadores e alunos sintam-se dignos e capazes de produzir, sendo esta relação favorável ao pleno desenvolvimento do educando, tendo a contribuição do terapeuta ocupacional nesta interação, oportunizando a adaptação a este ambiente (cultural, físico, social e institucional).

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Atualmente a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, 10ª revisão (CID 10), define Transtornos Específicos do Desenvolvimento das Habilidades Escolares como:

Perturbações que interferem significativamente nas realizações escolares ou nas atividades da vida diária

(...) nos quais ambas as habilidades, aritméticas e de leitura ou do soletrar, estão significativamente comprometidas, mas na qual o transtorno não é explicável apenas em termos de retardo mental ou aprendizagem inadequada (OMS, 2003).

Além dessa, existem várias definições para dificuldades de aprendizagem, para a psicopedagoga POLITY (2001, p.23), isso torna evidente a diversidade de manifestações e etiologias dessas dificuldades, que conseqüentemente exigem diferentes olhares e procedimentos. Complementando essa idéia POLITY (2001, p.28), parafraseando Maturano et al. (1993) afirma: “penso a dificuldade de aprendizagem como uma síndrome biopsicossocial com pelo menos três constituintes básicas: a criança, a família e a escola”. POLITY (2001, p.16) acredita que nunca há uma causa única para o fracasso escolar, mas sim uma junção de fatores que interagem entre si e que imobilizam o desenvolvimento do sujeito e do sistema familiar, em um determinado momento. Mas quando os pais e a escola oferecem compreensão e ajuda adequadas, muitas crianças demonstram melhora acentuada e sensível redução nos conflitos emocionais resultantes do contínuo fracasso.

BERGER (2003, p.234) afirma que a função familiar refere-se a como a família cria seus filhos para desenvolver seu pleno potencial. Obviamente, os detalhes variam, mas uma família funcional cria seus

filhos em idade escolar de acordo com cinco elementos fundamentais que são: a satisfação das necessidades básicas, fornecendo comida, roupas e abrigo; o encorajamento da aprendizagem; o desenvolvimento da auto-estima, fazendo com que a criança se sinta competente, amada e apreciada; o estímulo à amizade com os colegas; e também proporcionar harmonia e estabilidade, fazendo com que a criança se sinta protegida, segura, confiante.

BERGER (2003, p.234) complementa afirmando que uma família que funciona bem, oferece recursos materiais e cognitivos, além de segurança emocional, de modo que as crianças cresçam no corpo e na mente.

Muitas vezes, as dificuldades de aprendizagem acarretam efeitos emocionais, agravando o problema. Se seu rendimento escolar for sofrível, a criança talvez seja vista como um fracasso pelos professores ou colegas, e até pela própria família. Muitas crianças desenvolvem auto-estima negativa, o que agrava a situação e que poderia ser evitada, com o auxílio da família e de uma escola adequada. É fundamental que as crianças recebam apoio dos pais, pois com suporte emocional desenvolvem base sólida e senso de competência que as levam a uma auto-estima satisfatória. (POLITY, 2001, p.27)

O CONTEXTO ESCOLAR

Abordando a diversidade na escola, AQUINO (2000 p.133) relata que, conotados em geral como “alunos-problema”, aqueles acometidos por algum tipo de aflição ou tormento, muitas vezes advindos de relações sociais ou familiares conturbadas ou de situações trágicas, nem sempre conseguem ver garantidos espaços na escola, além disso, a estigmatização passa a ser um fardo a mais, um dilema adicional a ser equacionado por esses alunos já em desvantagem.

Nesse contexto, as salas de aula, parecem quase nunca comportar a irredutível pluralidade humana que

caracteriza a clientela escolar atualmente. Pode-se afirmar que, se por um lado há esforço para que a esfera pedagógica abarque a contento os alunos “regulares”, por outro, acalenta-se a idéia de que o manejo das “diferenças” seja transferido para outras esferas, supostamente mais aptas no que se refere ao atendimento desse outro tipo de clientela. (AQUINO, 2000, p.124)

A maioria das crianças chega à pré-escola e ao ensino fundamental razoavelmente bem-ajustada para a idade e com poucos problemas reais, sem ser o de crescer em um mundo com constantes mudanças. A escola muitas vezes é o lugar onde as crianças encontram os adultos mais consistentes, um ambiente seguro para passar parte do dia e muitos companheiros de brincadeiras, recursos e materiais lúdicos para explorar a si mesmas em relação a outras crianças e a outros adultos, que não os da sua família e um meio ambiente diferente do de casa. No entanto, há crianças que apresentam necessidades especiais e por isso são identificadas como diferentes, especiais, de alguma maneira. O termo necessidades especiais inclui uma ampla variedade de desvantagens tanto mentais quanto físicas. Quando crianças são identificadas com necessidades diferentes das da maioria de seus colegas no momento em que é estabelecido contato com as mesmas, é que são consideradas as necessidades diferentes, em vez de necessidades especiais. (MOYLES, 2002, p.143)

Para CHALITA (2004, p.107) que considera todos desiguais, já que cada ser humano é único, o maior avanço da Constituição de 1988 foi colocar em um mesmo espaço os desiguais, uma educação plural proporciona que os desiguais convivam em um mesmo ambiente e aprendam o exercício do companheirismo, desenvolvendo a capacidade de colaboração e ajuda mútua para a superação de obstáculos.

CORRÊA (2001, p.12) afirma que as escolas não estão

preparadas para trabalhar adequadamente com as dificuldades e diferenças de aprendizagem que os alunos apresentam ao longo de sua vida escolar. E complementa dizendo que “o não-aprender refere-se não ao fracasso escolar (em termos de reprovação, repetência ou baixo desempenho em provas e testes), mas à ausência de progressos no processo de aprendizagem”.

Buscando a relação da Terapia Ocupacional com a Educação pode-se citar a teoria sociocultural, que segundo BERGER (2003, p.33), “*procura explicar o crescimento do conhecimento, do desenvolvimento e das qualificações individuais em termos da orientação, do suporte e da estrutura que a sociedade oferece*”. A autora ainda afirma que a tese básica desta teoria é de “*que o desenvolvimento humano é resultante da interação dinâmica entre as pessoas em desenvolvimento e a cultura em que vivem*”. Os teóricos socioculturais mencionam várias maneiras pelas quais as crianças aprendem, e também relatam sobre o modo como a educação e a aprendizagem são modeladas pelas crenças e metas da comunidade, além também de atentar para os meios pelos quais essa aprendizagem afeta todo o desenvolvimento dos indivíduos de todas as idades. Um grande pioneiro da perspectiva sociocultural foi o psicólogo Lev Vygotsky. De acordo com BERGER (2003, p.41) a teoria sociocultural mostra que o desenvolvimento está embutido em um contexto cultural rico e multifacetado. Para Vygotsky o aprendizado ocorre por meio das interações sociais que os aprendizes compartilham com membros mais instruídos da sociedade.

A TERAPIA OCUPACIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR

A essência da Terapia Ocupacional é a colaboração ou participação entre cliente e terapeuta, trabalhando juntos para atingir os objetivos do cliente. O terapeuta

ocupacional é um facilitador que trabalha em parceria com o cliente, e juntos, determinam como os objetivos podem ser alcançados. E o cuidado baseado no cliente é definido como um cuidado individual e holístico regidos pelas necessidades e desejos de cada cliente, ou seja, a Terapia Ocupacional é baseada numa visão holística do cliente e a prática baseada no cliente fornece a fórmula e a estrutura que garantem que a Terapia Ocupacional seja verdadeiramente holística e única para cada cliente. (SUMSION, 2003, p.IX - 21)

A aliança terapêutica é um relacionamento especial que o terapeuta ocupacional desenvolve com o cliente. A natureza deste relacionamento consiste exatamente na aliança entre o terapeuta e o cliente, esta parceria transforma o cliente em um participante ativo no tratamento ao invés de um receptor passivo do tratamento. Para desenvolver esta aliança, o terapeuta deve saber quem é o cliente, o que incluir no aprendizado sobre os interesses, valores, autoconceito e funções da pessoa. (SEYMOUR, 2002, p.258)

Sobre a aliança terapêutica, HAGEDORN (2001, p.169) afirma que o cliente e o terapeuta caminham juntos em busca de uma maneira para solucionar os problemas, esta relação é baseada no respeito mútuo, valorizando assim cada iniciativa do outro e um desejo comum para um resultado ser alcançado, esta relação às vezes é descrita como parceria. O cliente vê o terapeuta como aquele que possui recursos e pode contribuir, o terapeuta tem conhecimento e habilidades especiais, além de acesso a informação e recursos, ele pode também capacitar e potencializar o cliente em sua busca. Após um período de exploração mútua do problema, os objetivos são negociados e acordados, as soluções exploradas e um plano de ação decidido. A ação pode ser adotada pelo cliente, pelo terapeuta ou por ambos. Esse tipo de abordagem foi proposto por SCHON (1983) citado por HAGEDORN (1998, p.170) como um contrato entre o terapeuta prático reflexivo e seu cliente,

diferente do estilo tradicional de contrato entre o especialista e o paciente em que a autoridade reside firmemente com o profissional. Por outro lado, pode ser argumentado que igualmente enquanto terapeuta e cliente podem celebrar ganhos, ambas as partes também podem dividir as responsabilidades da incapacidade.

As áreas de desempenho das crianças incluem o trabalho escolar, a brincadeira e lazer e as atividades de vida diária. Os déficits nos componentes de desempenho são fatores que influenciam na função da criança, por exemplo, *“a criança que apresenta dificuldade em copiar o dever na sala de aula pode apresentar inversões de letras e palavras, contribuindo para a fala deficiente, irregularidades no tamanho e espaçamento das letras e palavras, e seqüenciamento desorganizado nas composições”*. Fora do ambiente escolar estes déficits tendem a diminuir a velocidade em que a criança realiza suas atividades cotidianas, sendo assim a criança pode evitar muitas atividades de lazer ou de casa, próprias para a idade escolar, apesar do desejo de participar com os colegas, a criança pode apresentar dificuldade em estabelecer e manter amizades. (ERHARDT e MERRILL, 2002, p.558)

Sobre o papel ocupacional do estudante FLOREY (2002, p.583) afirma que este geralmente é definido pela escola e pelas leis que regulamentam o funcionamento escolar. De acordo com MUSSEN e colaboradores (1990), citados pela autora, *“a escola é um pequeno sistema social em que as crianças aprendem regras de moralidade, convenções sociais, atitudes e modos de se relacionar com os outros, bem como as habilidades acadêmicas”*.

Complementando a idéia, ERHARDT e MERRILL (2002, p.559) citam MASON (1994) que afirma que a Terapia Ocupacional normalmente focaliza três áreas: melhoria da capacidade da criança registrar, processar e integrar as informações sensoriais através da

intervenção direta; adoção de estratégias compensatórias para a criança; e adaptação do ambiente para focar os pontos fortes e compensar as áreas de déficit da criança. Assim, o terapeuta ocupacional trabalha em proximidade estreita com os pais e professores, em todas estas três áreas, pois a consistência da conduta e expectativas é essencial para o sucesso da criança.

MOYLES (2002, p.143) afirma que refletir sobre necessidades individuais sempre envolve examinar problemas e dificuldades, mas é vital não rotular a criança, para isso os professores, que estão em contato direto com ela, precisam revisar constantemente suas impressões da criança, através de observações cuidadosas e objetivas, e reconhecer quando ocorre alguma mudança. E continua afirmando que os professores têm de lidar, inevitavelmente, com as necessidades individuais no contexto do ambiente social mais amplo da sala de aula, e isso cria imensos desafios e dilemas. BRIERLEY (1987) citada por MOYLES (2002, p.143) dá a seguinte sugestão: *“é simplesmente uma questão de tratar diferentemente pessoas diferentes, de modo que cada uma seja tratada tão bem quanto possível”*.

Na prática profissional, por meio de consultorias em escolas de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, observa-se que o ambiente e o perfil da população são grandes norteadores para a escolha da perspectiva teórica mais apropriada. (REZENDE, 2005, p.61)

A parceria com a educação tem permitido que a intervenção terapêutica ocupacional proporcione ações voltadas para as questões do cotidiano escolar. Observa-se através dos trabalhos realizados em escolas que as solicitações feitas pelos profissionais da educação *“refletem a necessidade de se pensar práticas mais efetivas que contemplem as atividades do cotidiano escolar e as relações que se estabelecem no mesmo”*.

(JURDI, BRUNELLO e HONDA 2004, p.27)

É tentador pensar que a maioria dos problemas e necessidades individuais origina-se do ambiente familiar da criança e ver a escola como um recurso empregado para remediar dificuldades. Entretanto, a escola não está isenta de culpa. Às vezes na escola são criados problemas pela maneira de organizar o dia ou a sala de aula. (MOYLES, 2002, p.157)

Para FLOREY (2002, p.583) a avaliação de Terapia Ocupacional é um processo abrangente de obtenção de informações que deriva de métodos e instrumentos de avaliação específicos. A intenção da avaliação é a identificação das forças e debilidades, a partir das quais podem ser idealizados os objetivos e estratégias de tratamento. Crianças e adolescentes com disfunção psicossocial podem exibir vários problemas que se originam de vulnerabilidades biopsicossociais.

Assim, sugere-se a avaliação terapêutica ocupacional na realidade escolar baseada na Medida de Performance Ocupacional Canadense (COPM). Segundo POLLOCK, MCCOLL e CARSWELL (2003, p.186) é uma medida individualizada, na forma de entrevista semi-estruturada, elaborada para mensurar a autopercepção do cliente na performance ocupacional, desenvolvida para ser utilizada por terapeutas ocupacionais, utilizada como ferramenta para determinar quando o cliente necessita de serviços de terapia ocupacional, a avaliação inicial auxilia o terapeuta e o cliente a compreenderem a origem dos problemas de performance ocupacional que o indivíduo está experimentando, também auxilia no estabelecimento de objetivos para a terapia, e serve como uma medida de resultado para determinar o grau de mudança na performance ocupacional em sucessivas experiências do cliente como um resultado de intervenção. A COPM pode ser aplicada a um cliente, ou para pessoas que fazem parte do ambiente do cliente, como a família, cuidadores ou professores, e também pode ser utilizada

em situações em que o cliente não é um indivíduo, mas uma organização. Esta medida não tem restrições quanto à idade ou diagnóstico do cliente. HOBSON (2003, p.104) afirma que como recurso, no caso de o cliente não ser capaz de responder à COPM, o terapeuta ocupacional pode necessitar utilizar uma forma de prática substituta baseada no cliente, onde uma pessoa substituta que toma as decisões é consultada no lugar do cliente, mas é necessário assegurar que a pessoa substituta compreenda e aja em serviço do mesmo.

Terapeutas ocupacionais têm descoberto que a COPM é útil no início da relação baseada no cliente, por solicitar ao cliente envolvimento no estabelecimento dos objetivos e medidas de resultado para o tratamento da terapia ocupacional. (HOBSON, 2003, p.91)

Durante a intervenção SUMSION (2003, p.33) relata que o terapeuta e o cliente trabalham em parceria para atingir as metas. O terapeuta tem considerável conhecimento para contribuir neste processo, mas também deve se tornar educador e facilitador em remover obstáculos para o alcance das metas combinadas. A autora (p.52) continua afirmando que o desafio para o terapeuta é apresentar as informações de modo que seja claramente compreendido pelo cliente, isto necessita de uma comunicação habilidosa para avaliar qual método de educação será mais bem sucedido com os diversos clientes. A comunicação é um fator crucial na educação, o aprendizado seria melhor tanto para o terapeuta quanto para o cliente se os terapeutas escutassem e respondessem em um nível apropriado. É importante lembrar que os clientes são especialistas de suas próprias forças e problemas. Somente eles podem compreender verdadeiramente o que é viver suas vidas.

NEVILLE, KIELHOFNER E ROYEEN (1985) citados por ERHARDT e MERRILL (2002, p.542) afirmam que os terapeutas ocupacionais vêem as crianças se desenvolvendo e modificando as habilidades necessárias

para participar das atividades que preenchem as funções variadas da infância. Para as crianças com distúrbio de aprendizagem, o processo de desenvolvimento de habilidade é modificado. Como citado anteriormente, a avaliação deve ser focada na análise não somente das capacidades e limitações da criança, mas também dos ambientes físico, social e cultural em que ocorre o desempenho. Segundo LOGIGIAN E WARD (1989) citados pelos mesmos autores a intervenção é baseada nos objetivos criados em colaboração com a criança, família e outros membros da equipe, objetivando a redução de déficits e maximizando o desenvolvimento da habilidade da criança e sua participação ativa.

A Terapia Ocupacional nasceu dentro dos programas americanos de reabilitação com a função de, através da prática de atividades, levar à inserção social indivíduos dela excluídos por problemas físicos, mentais e/ou sociais. Por isso priorizar o social em reabilitação psicossocial implica em sair de centros de reabilitação, de hospitais e de oficinas abrigadas, para criar espaços de intervenção na própria comunidade. (BENETTON, 1993, p.53). Conseqüentemente, não há melhor lugar para tratar o aluno que não seja a escola, então para que fique claro, vale destacar a ação da terapia ocupacional na escola, que para ROCHA, LUIZ e ZULIAN (2003, p.75),

“não é clínica, nem voltada a aspectos específicos dos alunos, tampouco de convencimento de atitudes corretas e, muito menos direcionada a rever questões pedagógicas. Trata-se sim, de um trabalho a ser desenvolvido com os educadores, os alunos, os pais, a comunidade, cuja finalidade é a facilitação do aparecimento das dificuldades, dos sentimentos, das emoções que permeiam o relacionamento com a proposta da inclusão”.

Cabe aos terapeutas ocupacionais aceitar o desafio de inventar novas formas possíveis de inclusão social. (GHIRARDI, 2000, p.16). Segundo ROCHA, LUIZ e ZULIAN (2003, p.76), a Terapia Ocupacional pode

utilizar-se como um meio capaz de colaborar na explicitação das dificuldades que todos podem ter em relação a como lidar com as diferenças, propondo de forma objetiva, no cotidiano e no presente, o desmonte de empecilhos aparentes da inclusão escolar, após torna-se necessário o enfrentamento das dificuldades implícitas no processo de inserção.

Após descrever o meio como a Terapia Ocupacional pode atuar ROCHA, LUIZ e ZULIAN (2003, p.76), afirmam que a meta da Terapia Ocupacional, no espaço escolar, é o fortalecimento da potência de ação dos educadores e dos educandos, facilitando a emergência de soluções para os impasses a partir do próprio grupo, utilizando diferentes atividades, adequadas às necessidades de cada realidade.

Para PFEIFER (1997, p.76) a prática de Terapia Ocupacional precisa ser adequada para cada criança, percebendo-a em todos os seus aspectos. Desta forma, o terapeuta ocupacional precisa estar familiarizado com os processos de desenvolvimento humano e relacionar com as necessidades da criança.

Segundo JURDI, BRUNELLO e HONDA (2004, p. 27) a intervenção terapêutica ocupacional deve fazer uso das atividades humanas a fim de desconstruir ações excludentes e alienantes que interfiram no processo de aprendizagem e na permanência da criança na escola. Neste mesmo artigo sobre intervenções escolares a atividade lúdica é um dos recursos utilizados para construir e fortalecer o processo educacional e de inclusão, a escolha desta atividade está diretamente relacionada à infância. Pois é nessa fase da vida que se inicia, e como atividade humana abre caminho para que a subjetividade se encontre com a realidade externa, propiciando uma aproximação com a realidade e uma ação sobre esta.

Assim como o brincar, a escola tem papel fundamental no que diz respeito a vida social dos indivíduos. A escola

é o lugar de intermediação entre a família e a sociedade, colocando o estudante em contato com novas regras, conhecimentos e experiências e diferentes convivências. É um lugar para aprender a estar com o outro, trocar afetos e se sentir pertencente ao seu grupo social. JURDI, BRUNELLO e HONDA ((2004, p. 27), ainda referem que “a atividade lúdica se torna um dos principais aliados para alcançar o aprendizado criativo, responsável, reflexivo e questionador do próprio contexto em que vivem”.

CONSIDERAÇÕES

Cada vez mais a Terapia Ocupacional tem buscado mostrar sua importância nos diferentes contextos de desempenho, e a pesquisa realizada para a construção deste artigo deixa mais clara a importância do papel do terapeuta ocupacional no contexto escolar de crianças com dificuldades de aprendizagem.

As crianças que são tolhidas por uma Dificuldade de Aprendizagem, que se manifesta no desempenho escolar, acabam sofrendo rotulação, o que prejudica seu desenvolvimento em todos os aspectos. Sabe-se que não há uma causa única para essa dificuldade e, sim, uma junção de fatores que interagem, uns sobre os outros, imobilizando o desenvolvimento da criança e do sistema familiar gerando, num determinado momento, o fracasso escolar.

É importante destacar a utilidade da Medida de Performance Ocupacional Canadense, que pode ser aplicada a um cliente, ou à pessoas que fazem parte do ambiente do cliente, como a família, cuidadores ou professores, e também pode ser utilizada em situações em que o cliente não é um indivíduo, mas uma organização. Esta medida não tem restrições quanto à idade ou diagnóstico do cliente.

No contexto escolar é importante que educadores, pais/responsáveis e o próprio aluno sejam agentes desta proposta, estando comprometidos e responsabilizados

para que esse processo educacional se desenvolva a contento.

A Terapia Ocupacional tem importante papel neste contexto intervindo como facilitador da relação escola-aluno-família, o que propicia o desenvolvimento do aprendizado da criança tendo a capacidade de realizar suas atividades plenamente e inserida nos seus contextos de desempenho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J.G. Sobre os “diferentes” na escola: do desalento à inclusão conseqüente. In: AQUINO, J.G. *Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos*. São Paulo: Summus, 2000. p. 123 – 134.

BENETTON, M.J. Terapia ocupacional e reabilitação psicossocial: uma relação possível? *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, São Paulo, V.4/7, p.53-58, 1993/6.

BERGER, K.S. *O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade*. 5 ed. Rio de Janeiro, LTC, 2003.

CHALITA, G. *Educação: A solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2004, 263p.

Organização Mundial da Saúde. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – 10ª Revisão – CID 10 –*, Edusp, v.1, 2003.

CORRÊA, R.M. *Dificuldades no aprender: um outro modo de olhar*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

ERHARDT, R.; MERRILL, S.C. Disfunção Neurológica em Crianças. In NEISTADT, M.; CREPEAU, E.B. (orgs); Willard-Spackman. *Terapia Ocupacional*. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 542 – 565.

FLOREY, L. Disfunção Psicossocial na Infância e Adolescência. In: NEISTADT, M.; CREPEAU, E.B. (orgs); Willard-Spackman. *Terapia Ocupacional*. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 580-591.

- GHIRARDI, M.I.G. Educação inclusiva, processos psicológicos e a terapia ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, São Paulo, v.11, n.1, p.13-16, jan./abr., 2000.
- HAGEDORN, R. *Fundamentos para a Prática em Terapia Ocupacional*. São Paulo, Roca, 1998.
- HOBSON, S.J.G. Emprego da Abordagem Baseada no Cliente em Pessoas com Alterações Cognitivas. In: SUMSION, T. *Prática Baseada no Cliente na Terapia Ocupacional: Guia para Implementação*. São Paulo, Roca, 2003. p. 89 – 107.
- JURDI, A.P.S.; BRUNELLO, M.I.B; HONDA, M. Terapia ocupacional e propostas de intervenção na rede pública de ensino. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.15, n.1. p. 26-32, jan./abr., 2004.
- MOYLES, J. O brincar e a criança diferente. In: MOYLES, J. *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Porto Alegre, Artmed, 2002. p. 141 – 162.
- PFEIFER, L.I.. Práticas pedagógicas em Terapia Ocupacional: capacitando o aluno para atuar junto a crianças com atraso no desenvolvimento. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, São Paulo, v.8, n.2/3, p.75 – 80, maio/dez., 1997.
- POLITY, E. *Dificuldade de Aprendizagem e Família: Construindo Novas Narrativas*. São Paulo, Vetor, 2001.
- POLLOCK, N.; MCCOLL, M.A.; CARSWELL, A. Medida de Performance Ocupacional Canadense. In: SUMSION, T. *Prática Baseada no Cliente na Terapia Ocupacional: Guia para Implementação*. São Paulo, Roca, 2003. p. 183 – 204.
- REZENDE, M. O brincar sob a perspectiva da terapia ocupacional. In: CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARAES M.; DEBORTOLI, J.A. *Brincar*. Belo Horizonte, Editora UFMG; Pró-Reitoria de Extensão UFMG, 2005.
- ROCHA, E.F; LUIZ, A.; ZULIAN, M.A.R. Reflexões sobre as possíveis contribuições da terapia ocupacional nos processos de inclusão escolar. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, São Paulo, v.14, n.2, p.72 – 78, maio/ago., 2003.
- SEYMOUR, S.G. Avaliação das Habilidades Psicossociais e Componentes Psicológicos. NEISTADT, M.; CREPEAU, E.B. (orgs); Willard-Spackman *Terapia Ocupacional*. 9 ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2002. p. 257-265.
- SUMSION, T. *Prática Baseada no Cliente na Terapia Ocupacional: Guia para Implementação*. São Paulo, Roca, 2003. p. 1– 63.